
BECKER, Howard. *Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. 256 p.

*Alan Camargo Silva**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

Howard Becker, sociólogo americano, filiado à linha teórico-metodológica do interacionismo simbólico da Escola de Chicago (Becker, 1996), é autor do livro *Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos*. O autor analisa a escrita a partir de sua experiência acadêmico-profissional com pessoas reais em situações sociais microscópicas, sem perder de vista as relações macroestruturais constituintes do ato de redigir.

O vocabulário simples e instigante associado a uma linguagem inteligível e com humor torna a leitura deste livro atraente e ao mesmo tempo indispensável pela robustez teórica que o autor privilegia. O livro é composto por dez capítulos que reúnem uma série de vivências experienciadas pelo autor no que diz respeito à escrita.

O primeiro capítulo, “‘Introdução à redação’ para estudantes de pós-graduação”, traz a experiência do autor na época em que ministrava cursos de revisão e de reelaboração de textos. Howard Becker revela os receios dos alunos de não conseguirem organizar os pensamentos para o papel e de suas escritas não serem aceitas pelos outros. A organização social da escrita interfere na forma como os pós-graduandos tratam seus próprios textos. O julgamento do que foi escrito estará ancorado em determinado grupo dito “científico” que dita o estilo “certo” ou “errado” do texto.

No segundo capítulo, “Persona e autoridade”, é abordada a discussão de um texto ter “mais” ou “menos” classe. Howard Becker discute a falsa hierarquia entre quem possui mais ou menos legitimidade de escrever algo. Uma escrita difícil geralmente assume um “tom de credibilidade” perante os leitores, ou seja, textos muito acadêmicos ou verborrágicos oferecem uma ideia do que

* Contato: alan10@zipmail.com.br.

é ser intelectual, distinguindo leigos de especialistas. O imaginário social de escrever “com classe” representa a simulação dos autores em adotarem uma *persona*, isto é, aparentar-se com alguém do mundo acadêmico que possui certa autoridade em determinado campo do conhecimento.

O terceiro capítulo, intitulado “A única maneira certa”, centra a análise em torno da resistência dos autores em relação à revisão dos seus textos. Tal situação é derivada de como as instituições escolares e acadêmicas costumam tratar a hierarquia entre professor e aluno, isto é, enquanto o primeiro seria superior, o segundo, inferior. Por aprenderem e acreditarem que os “grandes escritores” ou os “profissionais mais experientes” elaboram seus textos de forma correta na primeira versão, os estudantes creem que também necessitam saber a única maneira de escrever certo, fenômeno esse, por vezes, endossado pelas próprias instituições. O problema de começar a redigir ou como organizar os textos está associado a esta ideia de que há apenas uma forma perfeita de escrever e, se o escritor conseguir atingi-la, pode ser premiado no seu curso ou perante o seu grupo social.

“Editando de ouvido”, título do quarto capítulo, esclarece que os manuais de regras e diretrizes que auxiliam na criação de um texto não são as únicas ferramentas para escrever de forma inteligível. A criatividade associada àquilo que “soa bem” ou “parece bom” se destaca no momento de elaborar um texto. Pelo fato de a escrita estar modulada a partir de leituras prévias, o texto acaba sendo desenvolvido “de ouvido”. Um estilo de escrita compreensível necessita do exercício de reescrever frase por frase, palavra por palavra ou expressão por expressão.

O quinto capítulo, “Aprendendo a escrever como profissional”, indica que os problemas de redação acadêmica são construídos nas escolas e que posteriormente são agravados ao longo da carreira. Em outras palavras, aprender a escrever faz parte das experiências obtidas durante a vida acadêmica e profissional. O capítulo termina com a seguinte lição do autor: “[...] você aprende a escrever baseando-se no mundo ao seu redor, tanto pelo que ele lhe impõe quanto pelo que lhe oferece” (p. 149).

“Riscos”, sexto capítulo do livro, é escrito por Pamela Richards. O capítulo resume a ideia dos riscos de tornar um texto público haja vista que o autor se torna vulnerável e inseguro em relação ao que os outros podem julgar. Em tempos de competição acadêmica, denegrir a escrita do outro pode fazer parte desse processo de taxar o texto de “mal feito” ou “mal construído”. O desgaste

emocional na escrita se estabelece pelas avaliações dos mais experientes que são obrigados a serem críticos do que é aceitável ou não na academia. O capítulo sugere que vale a pena expor o seu texto publicamente na medida em que há aqueles que sugerem de forma construtiva o que pode ser melhorado na redação.

O sétimo capítulo, “Soltando o texto”, discute a tensão entre aprimorar e finalizar um trabalho. Haverá sempre a necessidade de certo “equilíbrio” entre “divulgar” ou “esperar um pouco mais” para tornar um texto público. A decisão de aprimoramento ou de finalização de um texto pode implicar a ideia de que o trabalho seja mais ou menos sério. Há certo moralismo de alguns acadêmicos: se demora na produção de um trabalho, pode ser considerado um “perfeccionista”, já se apronta rapidamente um manuscrito, é visto como um possível “carreirista”. Howard Becker sugere ver o problema entre qualidade e tempo no desenvolvimento da escrita a partir da organização social.

No oitavo capítulo, “Apavorado com a bibliografia”, o autor analisa o receio de acadêmicos de lidar e dar conta dos referenciais teóricos que norteiam as suas pesquisas. O uso das referências clássicas e o argumento de um pesquisador acerca do suposto ineditismo ou da contribuição do seu estudo, embora importantes, não resumem o que se entende por bibliografia. Isso significa que a escrita nunca parte de um “marco zero” na medida em que a redação se pauta, de algum modo, nos seus predecessores. Entre a ideia de plagiar e não ser original, é necessário escrever sem ser uma colcha de retalhos, levando em consideração que a bibliografia é apenas um norte ideológico do pesquisador e não o foco central do trabalho.

“Usando o computador para escrever”, título do nono capítulo, é o texto original de 1986, quando Howard Becker começou a se deparar com possibilidade de escrever nessas “novas” máquinas tecnológicas. Embora o autor tenha deixado o texto na íntegra, o tornando um documento histórico e datado, é possível perceber durante o capítulo que o ato de escrever e reescrever pode se tornar desgastante fisicamente. A partir de uma discussão em torno do trabalho intelectual e braçal, o texto aponta que o ato de escrever envolve diversas dimensões do sujeito para além da instância mental. Howard Becker desenvolve e atualiza uma série de argumentos sobre os limites e as potencialidades do uso do computador para escrever.

No último capítulo, “Uma palavra final”, o autor pondera que essa obra não resolverá todos os problemas de redação, mas pode indicar algumas

maneiras de aprimoramento da escrita ou ajudar a ter mais controle sobre o que se faz. As dicas sobre redigir e as sugestões acerca de como organizar o texto devem ser praticadas e adaptadas à realidade de quem lê o livro.

Conclui-se que o ato de escrever faz parte das situações sociais vivenciadas pelos sujeitos e que as dificuldades de redação são apenas reflexos da organização social na qual os mesmos estão inseridos. Howard Becker faz pensar na práxis da escrita nos tempos em que há uma aceleração no processo de ensino-aprendizagem focado nos conteúdos em virtude da necessidade de determinados desempenhos ou na busca de resultados acadêmicos da atual produtividade da pesquisa científica. O livro consegue atingir escritores de diferentes níveis de formação e de experiência, tornando-se uma referência atual e importante para aqueles que buscam a aproximação com os saberes acadêmicos.

Referência

BECKER, H. A Escola de Chicago. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.